

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: TECENDO UMA COLCHA DE RETALHOS

Flávia Karla Soares (MIELT/UEG)¹
Marlene Barbosa de Freitas Reis (MIELT/UEG)²

Resumo: Este artigo apresenta questões relacionadas à diversidade e a educação, sendo esses elementos parte de uma colcha de retalhos em que a educação, a escola, o papel do professor e sua formação estão nesse processo de construção de conhecimentos levando em conta a diversidade do indivíduo. A valorização de culturas existentes e o incentivo ao respeito a todas as diversidades, igualmente, sem práticas equivocadas ou preconceituosas farão parte desta análise. Enfatiza de forma objetiva a diversidade na construção de uma educação acolhedora, levando em consideração a importância da formação do indivíduo enquanto ser ativo de uma sociedade.

Palavras-chave: Diversidade. Cultura. Educação. Professor. Aluno.

Introdução

O presente trabalho tem por finalidade discutir a diversidade na relação professor e aluno, componentes de uma educação que leva em conta o multiculturalismo dos indivíduos na Instituição Escola. Espaço este considerado campo de aprendizagens, que são construídas diariamente como uma colcha de retalhos onde pedaços de tecidos se unem assimetricamente, respeitando o espaço do outro e construindo um elo harmonioso ao indivíduo, agregando conteúdos e histórias.

Recorremos ao livro literário “A colcha de retalhos” de Silva e Ribeiro (2010), que conta a história de um menino que todo final de semana vai a casa de sua avó. E certo dia chegou à casa da avó e lá estava ela costurando retalhos para formar uma colcha de retalhos. O menino Felipe ajudou a separar os retalhos e cada quadrado o menino se lembrava com quem parecia aquele pedaço de pano. Assim, foram se constituindo a colcha de retalhos com muitas conversas e lembranças de momentos, tempos e pessoas que fizeram parte daquela

¹ Mestranda do MIELT – UEG. Pedagoga pela Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Estadual de Goiás. Docente na Universidade Estadual de Goiás-Pires do Rio. E-mail: fkarlak@hotmail.com

² Orientadora. Pedagoga pela UFG. Especialista em Planejamento Educacional pela Salgado de Oliveira. Mestre em Educação pela Universidade de Havana - Cuba. Doutora em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela UFRJ. Docente permanente no Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologia e no curso de Pedagogia da UEG – Inhumas. E-mail: marlenebfreis@hotmail.com

história. Certo dia, Felipe chegou da escola e foi presenteado com a colcha de retalhos que a avó fizera para ele. Deitado em cima da colcha, Felipe reconheceu que aquela colcha não era uma colcha comum, era uma colcha cheia de histórias, a qual cada quadrinho de diferentes estampas, cores, detalhes expressava diversidades contidas naquele presente e em sua história.

Diversidade e Formação do Indivíduo

O homem não anda e nem vive só; é da sua especificidade interagir com outras pessoas que são únicas e diferentes, mas que formam a humanidade. Ninguém é igual a ninguém, todos pensam diferente, agem diferente, mas podem construir algo com o mesmo objetivo. Dessa forma, a diversidade se expressa através das identidades reveladas em cada indivíduo, assim como a colcha de retalhos com seus quadrados cada qual com o formato, estampa de cores do tecido, vai sendo costurado por alguém que une os diferentes e formam uma colcha de pluriformidade.

Diversidade é um termo de forte carga emocional e política que aparentemente aponta para campos idênticos ou diversos, relacionado a questões de raça, sexo, gênero e necessidades específicas de cada indivíduo.

Para Reis (2013, p. 75), o termo diversidade é bastante amplo e não se caracteriza em um único modo de compreensão e muito menos de aplicação. Ao buscarmos o significado do termo como um substantivo, deparamos com “diferença, dessemelhança, variedade, diversidade de objetos, divergência, oposição, contradição, diversidade de opiniões”. Tem como sinônimos os termos heterogeneidade, pluralidade, variação, variedade.

Assim, a diversidade inclui o respeito ao diferente, reconhecendo-o, na sua diferença, com os mesmos direitos para todos. No entanto, vale o alerta de Candau (2008, p. 23) ao dizer que “as relações culturais não são relações idílicas, não são relações românticas, elas estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por questões de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos”.

A relação entre escola e cultura é inerente a todo processo educativo. Não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade e, particularmente, do momento histórico em que se situa proporcionando reflexões sobre o desenvolvimento do pensamento pedagógico. Não tem como conceber uma experiência pedagógica sem cultura, sempre há uma referência cultural presente em cada indivíduo. A escola é, sem dúvida, uma instituição

cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois pólos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma colcha costurada no cotidiano e com os retalhos da diversidade bem articulados.

Hall (1997) destaca a centralidade da cultura no cenário contemporâneo e ressalta seu papel constitutivo em todos os aspectos da vida social. Para o autor, estamos mesmo diante de uma revolução cultural, evidenciada pela significativa expansão do domínio, configurado por instituições e práticas culturais. Assim, a cultura faz parte da construção da colcha de retalhos de um indivíduo em formação. Mércio Pereira Gomes define cultura como:

O modo próprio de ser do homem em coletividade, que se realiza em parte consciente, em parte inconscientemente, constituindo um sistema mais ou menos corrente de pensar, agir fazer, relacionar-se, posicionar-se perante o Absoluto, e, enfim, reproduzir-se. (GOMES, 2008 p. 36).

Nesse sentido, faz-se necessário entender que em toda cultura tem sua própria maneira de pensar, seus hábitos e os costumes que a representam, identifica seu modo de ser, com sua própria lógica dando ao homem características e comportamentos diferentes. E o indivíduo vai se estruturando através de uma interação constante com o seu meio sociocultural, no qual participa e do qual faz parte.

Toda instituição de ensino tem a sua história, suas preocupações que a faz diferente de outras. Trabalhar a diversidade dentro da Instituição “Escola” não converge para a formação de grupos homogêneos, com as mesmas dificuldades, mas com a diversidade existente no grupo, o que favorecerá a troca de experiência e o crescimento de cada um.

A história de cada um mostra que há identidades as quais se formam por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos, sendo construídos historicamente marcados pela diferença. Para Woodward (2014, p. 15), “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem somos nós, servindo de fundamento para a identidade”.

Só é possível compreender os significados envolvidos nos sistemas simbólicos se tivermos ideia da nossa posição, como sujeito que produz e se posiciona em seu interior. As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. E, ainda, segundo Woodward (2014, p. 40), a identidade não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença.

Constatando as identidades e as diferenças é preciso perceber os professores não como seres abstratos, ou essencialmente intelectuais, mas como seres sociais, com suas identidades pessoais e profissionais, imersos numa vida grupal na qual partilham uma cultura,

derivando seus conhecimentos, valores e atitudes dessas relações, com base nas representações constituídas nesses processos que é, ao mesmo tempo, social e intersubjetivo. (GATTI, 2003, p. 196).

Os professores integram uma sociedade e nela atuam de acordo com parâmetros psicossociais e culturais. E nessa relação professor e aluno, é um aspecto essencial na constituição do sujeito professor, pois sua existência justifica-se nessa interação mediada pelo conhecimento. Por essa razão, faz-se necessário refletir como pensam, agem e sentem, pois acolher o diferente faz parte do dia-a-dia da carreira profissional docente.

A formação docente acadêmica, como reforça Reis (2006, p. 48), deve preparar o professor para o convívio com o outro, para ensinar o outro e para aprender com o outro, respeitadas as suas características sociais, biológicas e cognitivas, o que faz que cada um seja diferente do outro. Esta é a essência humana.

A formação de professores é instrumento valioso no sentido de conscientizar e desmistificar conceitos pré-estabelecidos, tornando o docente mais crítico, participativo, sensível e comprometido com a construção de uma sociedade mais democrática.

No relatório da UNESCO, “Educação: um Tesouro a Descobrir”, um dos quatro pilares da educação o “Aprender a Conviver” enfatiza o respeito e abertura para as relações humanas, com a habilidade pessoal de permitir a aproximação e não o afastamento do outro, através da empatia, do respeito, das formas alternativas de vida, da escuta, do diálogo, do interesse, e tendo sempre por base o envolvimento com a diferença sem qualquer preconceito.

A sociedade contemporânea exige uma educação comprometida com mudanças e transformações. Assim, é necessário buscarmos uma educação, que, social e historicamente é construída pelo homem, e possa ter como base e essência, no seu desenvolvimento, múltiplas linguagens e atentos olhares à diversidade.

Conforme ressaltado, é na formação de professores que vários aspectos são considerados essenciais para discutir sua função e sua profissão, como: a necessidade de articulação entre a teoria e a prática, a valorização da atitude crítico-reflexiva na busca de autoformação, a valorização de saberes e práticas docentes, reconhecendo as instituições escolares como espaço de formação humana.

Outro aspecto de destaque e que merece atenção, é a necessidade da busca contínua pela formação continuada, pois o desenvolvimento de habilidades, competências também se formam a partir de conhecimentos prévios e conhecimentos construídos continuamente na carreira docente. Para tanto, Rodrigues (2006) é enfático ao defender que o desenvolvimento

de competências para uma Educação Inclusiva amparada na diversidade, passa pela sensibilização na formação inicial, mas, só poderá ser plenamente assumido ao longo de uma prática em serviço. Prática esta que deve ser permeada continuamente de reflexão e mudanças. Costa (2012, p. 134) relata que:

A formação de professores para o trato da diversidade ao entorno escolar é configurado como um dos polos a mais na concretização da interculturalidade no interior da escola, mas é por meio deste polo de mediação entre a cultura da escola, sua própria cultura (cultura docente) e as culturas dos alunos que o professor exerce influência.

Assim, a conduta do professor nas suas crenças e representações influenciam na criação de uma proposta monocultural ou intercultural nos muros da escola. A necessidade de se redimensionar o papel da educação, da escola, e consequentemente da formação de professores, para que se efetive uma educação realmente de qualidade, e que considere o conhecimento do professor e do aluno como algo que pode ser revisto, analisado e redimensionado a todo o momento. A esse respeito, Freire (1980) defende que aprender é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Toda a prática educativa requer a existência de sujeitos que ensinam e aprendem os conteúdos, por meio de métodos, técnicas e materiais, e implica em função do seu caráter diretivo, objetivos, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra (FREIRE, 1980, p. 78).

Embora a reflexão tenha se tornado essencial para os professores há ainda dilemas a serem esclarecidos e resolvidos na prática pedagógica e suas relações. Porém, deve-se construir, desconstruir e reconstruir a prática e os anseios para uma educação de qualidade e da diversidade.

Considerações Finais

A educação e a diversidade implicam introduzir no processo pedagógico envolvendo a relação professor-aluno, levando em consideração o conhecimento do “outro”. O conhecimento do “outro” é um dos principais fatores que contribuem para desmistificar o discurso de exclusão do diferente como também respeitar a diversidade. Estabelecer a

discussão sobre “A Colcha de Retalhos”, que se forma na relação do sujeito com o outro, no caso professor e aluno se faz presente ontem, hoje e sempre, enquanto se falar em educação, pois as práticas pedagógicas vão se renovando e a escola tem que acompanhar essa discussão tal como a sociedade que tem em sua formação de indivíduos que fazem parte de um emaranhado campo de ser e saber cultural.

Dessa forma o professor tece sua colcha de retalhos atribuindo significados nas relações humanas e no processo de desenvolvimento de cada educando que adentra a escola para agregar conhecimento e aprendizado a si próprio e aos outros, reafirmando as diferenças e construindo relações. Através desta discussão estabelece que a escola e professores se aprimorem para agregar a sua rotina a inclusão de práticas pedagógicas que entrelacem a relação professor-aluno, contribuindo para a educação da diversidade envolta a cultura do indivíduo, cada qual com seu valor e potencial.

Referências

CANDAU, Vera M. Multiculturalismo e Educação: diferenças culturais e práticas pedagógicas. *In*: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo e Educação: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COSTA, Graça dos Santos. Didática e Formação Continuada para a Diversidade Cultural: perspectivas e desafios. *In*: SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; PUIGGRÓS, Núria Rajadell (Orgs.). **Didática e Formação de Professores: perspectivas e inovações**. Goiânia: CEPED Publicações, PUC Goiás, 2012.

DELORS, Jaques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília, DF: Cortez, MEC, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GATTI, Bernadete. A Formação Continuada de Professores: a questão psicossocial. **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, p. 191-204, jul. 2003.

GOMES, Mercio Pereira. **Antropologia: ciência do homem; filosofia da cultura**. São Paulo: Contexto, 2008.

HALL, Stuart (1997). A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, v. 22, n. 22, p. 15-46.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas. **Educação Inclusiva: limites e perspectivas**. Goiânia: Deescubra, 2006.

_____. **Política Pública, Diversidade e Formação Docente: uma interface possível**. 2013. 279f. Tese (Doutorado em Ciências, em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento) – Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro-RJ, 2014.

RODRIGUES, Davi. Dez Ideias (mal)feitas sobre a Educação Inclusiva. In: _____. (Org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006, p. 299-318.

SCHNORR, Giselle Moura. Pedagogia do Oprimido. In: **Paulo Freire: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

SILVA, Conceil Corrêa da; RIBEIRO, Nye. **A Colcha de Retalhos**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.